



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS DE GUARABIRA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

JEDICLEISON PEREIRA DA SILVEIRA

**EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS: RELATO DE EVENTO
INTERDISCIPLINAR SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA
PARAIBANA**

**GUARABIRA
2019**

JEDICLEISON PEREIRA DA SILVEIRA

**EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS: RELATO DE EVENTO
INTERDISCIPLINAR SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA
PARAIBANA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à
Coordenação do Curso de História da UEPB, Campus
Guarabira, como requisito parcial a obtenção do Título
de Graduado em História.

Orientador: Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas

GUARABIRA
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S587e Silveira, Jecicleison Pereira da.
Eu não nego minhas origens [manuscrito] : relato de evento interdisciplinar sobre a valorização da cultura paraibana / Jecicleison Pereira da Silveira. - 2019.
29 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas ,
Coordenação do Curso de História - CH."
1. História Regional. 2. Ensino de História. 3. Valorização cultural. 4. Cultura regional. I. Título
21. ed. CDD 306

JEDICLEISON PEREIRA DA SILVEIRA

**EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS: RELATO DE EVENTO
INTERDISCIPLINAR SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA
PARAIBANA**

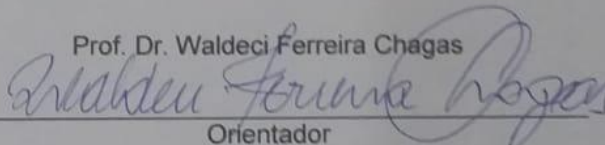
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de História
da UEPB, Campus Guarabira, como requisito
parcial a obtenção do Título de Graduado em
História.

Área de concentração: História Regional.

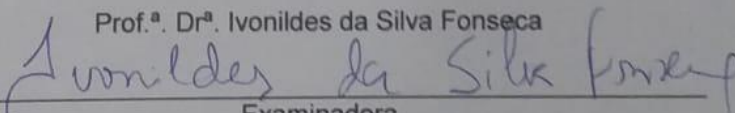
Aprovado em 28/11 /2019.

BANCA EXAMINADORA

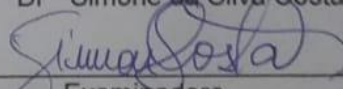
Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas


Orientador
(UEPB/DH).

Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca


Examinadora
(UEPB/DE)

Prof.^a Dr.^a Simone da Silva Costa


Examinadora
(UEPB/DH)

A minha esposa, companheira e grande amiga, colega de estudos, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3	EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS	15
4	INÍCIO DAS ATIVIDADES PARA REALIZAÇÃO DO EVENTO.....	13
5	CULMINÂNCIA DO EVENTO.....	18
6	RESULTADOS	19
7	CONCLUSÃO.....	27
8	REFERÊNCIAS	28

EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS: RELATO DE EVENTO INTERDISCIPLINAR SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA PARAIBANA

Jedicleison Pereira da Silveira¹

RESUMO

Este artigo relata sobre o evento denominado Eu não NEGO minhas origens, que aconteceu na E.E.E.M Augusto dos Anjos, localizada na cidade de Mari-PB, com alunos do ensino médio no ano de 2018. A ideia do evento surgiu devido a necessidade de se trabalhar com uma temática que possibilitasse ao educando um espaço no qual pudesse se expressar, através de uma atividade interdisciplinar que consistisse em trazer a questão da música, poesia, culinária dentre outros aspectos culturais paraibanas e aplicá-los de maneira dinâmica, envolvendo o protagonismo do aluno, a fim de compreender e expandir sua percepção e valorização de suas raízes, da cultura a qual pertence, afirmando sua representatividade e criando vínculos de identidade. Para realização do evento, foram realizadas várias atividades em sala de aula, antes de iniciar as discussões acerca do tema em foco. Os métodos utilizados foram: aulas expositivas e dialogadas, recursos multimídias, pesquisas, debates, etc, visando em todas as etapas tornar o aluno agente do seu próprio aprendizado. Na fundamentação teórica do relato foi utilizada estudos de Burke (2011), Bittencourt (1997), Pinsky (2015), dentre outros.

Palavras-chave: História Regional. Ensino de História. Valorização cultural.

ABSTRACT

This article reports about an event called Eu não NEGO minhas origens, which took place at the school E.E.M Augusto dos Anjos, located in the city of Mari-PB with high school students in 2018. The idea of the event arose due to the need to discuss a theme that would allow the student to create a space in which to express himself, through an interdisciplinary activity that consisted of bringing the issue of music, poetry, cooking, and other cultural aspects of Paraíba. dynamically involving them in the student's role in order to understand and expand their perception and appreciation of their roots of the culture to which they belong, affirming their representativeness and creating bonds of identity. To carry out the event, various activities were performed in the classroom,

¹ Aluno de graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba- Campus III, orientado pelo prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas. Email: historyworld25@gmail.com

before starting discussions on the topic in focus. The methods used were: lectures and dialogues, multimedia resources, research, discussions, etc., aiming at all stages to make the student an agent of their own learning. The theoretical basis of this work used studies by Burke (2011), Bittencourt (1997), Pinsky (2015), among others.

Keywords: Regional History. History teaching. Cultural Appropriation.

INTRODUÇÃO

Com a ascensão da escola dos Annales, os historiadores deram grande passo no modo de se escrever e pensar a história, e acima de tudo no exercício de ensiná-la, o que possibilitou ao professor espaço para trabalhar com diversas temáticas que envolvem o cotidiano do aluno partindo de um ponto sociocultural, em meio o mundo globalizado, o que auxilia na compreensão e aproximação tanto dos costumes e valores diferentes, quanto da sua cultura. Entretanto, torna-se preciso que o professor vá um pouco mais além do uso do livro didático, busque mecanismos de ensino que possam atrair a atenção do educando, por meio de temáticas que o possibilite fazer parte do objeto de estudo. O ensino de história por vezes é visto por alguns alunos como desinteressante, que estuda fatos do passado. O grande desafio do professor já começa em buscar desmistificar o que se estuda em história e qual sua utilidade, o que não parece uma tarefa muito fácil, visto que com a era da tecnologia e das informações e fake news, quase todos querem ser donos do saber e da verdade absoluta. A resistência frente a pergunta: por que estudar história? Pode ser um dos pontos de partida para aproximar o aluno da disciplina, ou ainda para buscar entender porque certos jovens apresentam resistência. Assim sendo, trabalhar a história regional na sala de aula, pode ser um suporte para aproximar o educando ao ensino de História, uma vez que trabalha diretamente com aspectos de seu cotidiano, podendo prepará-lo para maior participação com o seu grupo social.

Deste modo, partindo da necessidade de envolvê-los em atividades que os direcionasse a um olhar crítico acerca de si mesmo, foi que surgiu a ideia de realizar o evento nomeado de “Eu não NEGO minhas origens”, o qual contou com a participação efetiva dos alunos, e destacou o papel de protagonismo na construção do ensino aprendizagem. Tanto a escola quanto os docentes assumem papel primordial no que diz respeito ao desenvolvimento crítico e igualmente são uma ponte que leva o indivíduo a conhecer melhor a sociedade a que pertence, sua cultura, sua comunidade.

Neste sentido, o objetivo geral do evento foi levar o educando a uma reflexão acerca da sua própria cultura, a fim de despertar a valorização de suas raízes. Caracterizam-se como objetivos específicos: valorização da cultura paraibana, por meio de elementos do cotidiano do aluno, como a música, comidas típicas etc; gerar debates acerca do preconceito que o povo nordestino sofre frente as regiões do Sul e Sudeste do país; a xenofobia.

O trabalho partiu das seguintes questões norteadoras: as raízes do preconceito das regiões Sul e Sudeste com o povo nordestino; as recentes notícias a nível global sobre atos xenófobos; e a ideia de uma consciência de identidade e pertencimento a determinada cultura, a qual o indivíduo é convidado a não negar sua origem,

reconhecendo as particularidades da cultura local que o leva a uma melhor formação e discernimento acerca do tema xenofobia. Foram escolhidas, como respaldos teóricos, propostas de estudos de Burke (2011), Bittencourt (1997), Pinsky (2015), dentre outros.

Por isso, o *CORPUS* deste trabalho é constituído por um relato de experiência sobre as atividades que foram realizadas antes do evento até a culminância.

A metodologia para desenvolver a atividade proposta foi realizada por meio de aula expositiva e dialogada, levando em consideração o conhecimento prévio do aluno, seus posicionamentos, interação em grupo e pensamento crítico. Utilizou-se recursos como músicas e análise das letras, produção de cartazes e material para exposição.

A primeira parte do trabalho apresenta um aporte teórico em que se destaca a importância de ensinar a História Regional em sala de aula e como ela pode contribuir no sentimento de pertencimento a determinada cultura.

A segunda parte mostra brevemente a metodologia, apresenta uma descrição de como foi realizado o evento Eu não NEGO minhas origens, desde as primeiras etapas, atividades em aulas e extra classe, até o momento da culminância.

Em seguida é feito uma explanação sobre os resultados alcançados, em que destaca as impressões dos alunos em relação a proposta do evento, assim como o desempenho destes para que a culminância ocorresse de maneira positiva.

A conclusão apresenta-se como uma observação acerca do tema história regional e como tal temática pode contribuir na aproximação do educando ao ensino de História, ao mesmo tempo em que o torna sujeito no processo de aprendizagem dos conhecimentos históricos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde 1929, dois historiadores franceses fundaram uma revista chamada “Annales d’inquestionável Histoire Economique et sociale”, que veio anos mais tarde se tornar a Escola dos Annales, movimento historiográfico que surgiu na França e buscava romper com o paradigma tradicional positivista, marxista, estruturalista onde a escrita da história se baseava nos documentos oficiais, a verdade era tida como absoluta e o passado visto como algo inquestionável. Deste modo, vários historiadores discutiram um modelo de escrever e ensinar história que incluísse novas abordagens nas aulas de História, como temas relacionados ao cotidiano, cultura, questões ambientais dentre outros. O objetivo de tais mudanças consistiu em um método de ensino que levasse em consideração o desenvolvimento do senso crítico do aluno através da multidisciplinaridade, como afirma Burke (2011).

Segundo Oliveira:

(...) A Nova História, em suas diversas expressões, contribuiu para renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história, na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes. A História Regional constitui uma das possibilidades de investigação e de interpretação histórica. (...) Através da História Regional busca-se aflorar o específico, o próprio, o particular. (2003, p.15)

A Nova História possibilitou mais espaço na seleção dos conteúdos, abriu caminho para a escolha de temas que se discutem outras problemáticas, a exemplo do uso do livro didático; ferramenta importante, porém não precisa necessariamente ser o único material de apoio ao professor nas suas aulas. Muitas vezes o livro didático apresenta assuntos descontextualizados da realidade do aluno, e enfatizam um conhecimento mais voltado para a História Geral e do Brasil. Sabe-se que não é possível estudar toda a história, por isso, é necessário fazer uma seleção de informações que considere aspectos do cotidiano do aluno, do meio ao qual pertence, a fim de identificar o sujeito com o objeto de estudo, e trabalhar a temática da História Regional; esta história pode contribuir para desenvolver no aluno o gosto pelas aulas de História, tornar o ensino aprendizado dinâmico e prazeroso, até mesmo facilitar a relação professor/ aluno e viabilizar a aprendizagem do conhecimento, uma vez que quando o professor oferece ao educando suporte para torná-lo sujeito do próprio aprendizado, possibilita maiores chances de aprendizagem. No entanto, é preciso interação para que aconteça a aprendizagem do conteúdo. Pois, por vezes os alunos precisam lidar com materiais que julgam desinteressantes, seja o livro didático ou outro material disponibilizado pelo professor. Por não compreenderem, questionam se o proposto é deveras importante para seu aprendizado, carregam um sentimento de autossuficiência, e o professor se esforça para demonstrar que possui conhecimento para abordar determinado tema. Por sentir que seu saber foi colocado em questão, cria a partir daí o sentimento de confronto com o aluno, conforme afirma Bittencourt (1997). Ainda segundo essa pesquisadora:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e reintegrá-los num conjunto mais vasto de

outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas. (1997, p.57)

De acordo com Bittencourt ensinar História vai muito além de cumprir com os conteúdos programáticos do livro didático, requer proporcionar ao aluno a chance de torná-lo protagonista, agente do seu próprio saber histórico. Para que isso aconteça é necessário o professor explorar o conhecimento prévio, estimular o educando a buscar por si mesmo caminhos que o conduza a pesquisa, ao desejo de aprender, uma vez que este não pode ser visto como um agente passivo, que não dispõe de nenhuma cognição. Sendo assim, as aulas de História são um importante mecanismo para que o professor utilize do conhecimento que dispõe e apresente ao aluno o vasto saber histórico, por meio de suas metodologias e principalmente pelo suporte de atividades interativas e contextualizadas. O componente História, mais do que qualquer outro, possui o poder de tornar o indivíduo um ser pensante, reflexivo que se questiona sobre seu passado para compreender melhor o presente

Deste modo, antes de iniciar qualquer temática de ensino ou problematizar determinadas questões, faz-se necessário o professor mostrar ao aluno a importância de tal conhecimento, e somente em seguida buscar trazê-lo para dentro do que está sendo proposto, a fim de possibilitar identificação com o que vai ser abordado; esta é uma boa maneira de se começar. Nesse sentido, abordar a História Regional já chama atenção, por se tratar de algo que faz parte do cotidiano do aluno.

Conforme Janaína Amado:

A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional, lida com as diferenças, com a multiplicidade. [...] A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano. o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social. [...] Apesar de toda essa riqueza de possibilidades, a historiografia regional conhece algumas dificuldades específicas, em grande parte, decorrentes do tipo de relação mantido entre os centros hegemônicos do país, os pólos socioeconômicos e culturais, e as regiões periféricas, mais pobres, e de como as pessoas vivenciam e introjetam essas relações. [...] O tema História e região é não só importante, como extremamente interessante, podendo ser abordado por diversos ângulos (Amado, 1990, p.4 -20).

O ensino de História Regional contribui significativamente para o sentimento de pertencimento do indivíduo a determinado espaço social, criando conexão com o passado de sua comunidade, com suas raízes, por meio da reflexão dos seus valores, suas crenças, costumes, possibilitando ainda que este perceba que existem outras culturas diferentes da sua, outros valores e modo de se pensar a vida, e que cada uma tem sua importância e merece ser respeitada. A partir de tal conhecimento pode-se quebrar barreiras de preconceito, como por exemplo, a xenofobia, em que uma raça tenta se sobrepor a outra, desvalorizando a história de grupos dessemelhantes. É nesse sentido que o papel do professor se faz proeminente, a fim de abrir os horizontes dos alunos as riquezas culturais que os cercam.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio:

Quer na perspectiva psicológica, quer na antropológica, a construção da identidade autônoma é acompanhada, em um movimento único, da construção da identidade dos outros. Isso implica o reconhecimento das diferenças e imediatamente a aceitação delas, construindo-se uma relação de respeito e convivência, que rejeita toda forma de preconceito, discriminação e exclusão. É o que prevê a política da igualdade. Primeiro momento do se posicionar socialmente, que deverá guiar o indivíduo para a indignação e o repúdio às formas veladas ou explícitas de injustiça ou desrespeito. (Brasil,1996, p.12).

As novas temáticas precisam estar cada vez mais atreladas a uma perspectiva de renovação do ensino, a fim de abrir os horizontes dos alunos acerca do mundo que os rodeia e torná-los cidadãos conscientes, críticos, capazes de absorver de forma dinâmica o que aprendeu, para então colocar em prática. Deste modo, Pinsky (2005, p.8) considera que: "novos temas nas aulas de História tem uma ambição. E não é pequena: colocar a disposição de alunos e professores assuntos e abordagens que possam renovar o ensino de História".

Sendo assim, o tema escolhido para este trabalho é da História Regional, por considerarmos relevante o educando refletir sobre sua identidade, seus valores, sua cultura. Num mundo influenciado pelas grandes potências econômicas, que tanto diretamente, quanto indiretamente influenciam outras culturas, preservar e revisitar valores, é uma forma de resistência. O mundo globalizado contribui a reflexão acerca do eu, uma vez que o sujeito busca identificação com algum grupo social, que compartilhe das mesmas experiências, os mesmos problemas, levando-as a fazer ponderamentos relacionados a realidade:

{...} neste momento, reaparecem as regiões, de mãos dadas com a revalorização da memória. Ao olharem ao redor, as pessoas buscam encontrar elementos de continuidade, alguma quantidade de símbolos de permanência, certo legado do passado (Pinsky, 2015, p.139).

Com o processo de globalização as culturas estão cada vez mais interligadas, devido a facilidade na comunicação, porém os valores culturais de determinada sociedade acabam, por vezes, sobrepondo-se a outros, de forma desigual. Estudar a história Regional é uma forma de sobreviver a isso, preservar e valorizar as características de certo espaço sociocultural. É nesse momento que o papel do professor se faz importante, pois é quem conduz o aluno a uma reflexão acerca do meio social ao qual faz parte e sobre si mesmo, mostrar que a história pode estar presente numa música, numa comida, nas crenças, em coisas do cotidiano. Assim, levando-o a compreender seu passado e refletir acerca de sua identidade, provocar nele questionamento sobre sua herança cultural, valores passados que já não se reconhece e aquilo que deseja preservar. Este tipo de trabalho em sala de aula conduz o educando a entender as transformações da História, e tais reflexões o faz perceber o quão ele faz parte da História.

Nessa perspectiva Pinsky (2015, p.150) chama atenção para o fato de que " explorar o interesse dos jovens pela música abre outra possibilidade para o ensino de História Regional." Aravés de uma metodologia elaborada, o professor pode utilizar a música como um recurso para mostrar aos alunos as grandes figuras históricas de sua região, apresentar as características das músicas que marcaram determinada geração, levantar questionamentos por meio das mensagens presentes nas letras e qual sua representatividade no local, ainda debater sobre as similaridades do passado com o presente. O mesmo pode ser feito através da culinária, mostrando que as comidas típicas, por exemplo, contam uma história, a poesia, as danças igualmente trazem um forte significado que vai além de gerações. O sentir-se parte de uma comunidade precisa ser trabalhado para que o sujeito entenda seu papel social e aprenda a respeitar sua própria cultura e também a de outrem.

Não é em vão que muitos historiadores defendem que diferentes perspectivas de se ver a história precisam ser exploradas, como afirma Burke, pois

"tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos grandes feitos. Explorar a história por diferentes ângulos é mostrar que aqueles que foram excluídos pela História tradicional, a qual não faz parte a elite, também faz parte dos "grandes feitos históricos". (2011, p. 40).

Por isso, os historiadores se preocupam tanto em abordar a história dos subalternos.

EU NÃO NEGO MINHAS ORIGENS

Projeto desenvolvido pelo professor Jedicleison Pereira da Silveira para o ano de 2018, na área de atuação: ensino de História, na Escola E. E. M Augusto dos Anjos, localizada na cidade de Mari (Paraíba), realizado com alunos do ensino médio. A ideia do evento surgiu devido a necessidade de se trabalhar com uma temática que possibilitasse ao educando um espaço no qual pudesse se expressar, através de uma atividade que consistisse em abordar e discutir aspectos culturais paraibanas e aplicá-los de maneira dinâmica, envolvendo o protagonismo do aluno.

OBJETIVOS:

GERAL

Compreender e expandir a percepção dos alunos acerca da valorização de suas raízes, da cultura a qual pertence, afirmando sua representatividade e criando vínculos de identidade.

ESPECÍFICOS:

valorização da cultura paraibana, por meio de elementos do cotidiano do aluno, como a música, comidas típicas etc; gerar debates acerca do preconceito que o povo nordestino sofre frente as regiões do Sul e Sudeste do país; a xenofobia.

DESENVOLVIMENTO

Para realização do evento, serão realizadas várias atividades em sala de aula, antes de iniciar as discussões acerca do tema em foco. Os métodos utilizados serão: aulas expositivas e dialogadas, recursos multimídias, pesquisas, debates etc, visando em todas as etapas tornar o aluno agente do seu próprio aprendizado.

CRONOGRAMA

O início das atividades para preparação do evento terá início no mês de junho e a culminância no dia 30 de agosto de 2018.

Etapas:

- Apresentação da proposta do evento aos alunos;
- Debates em sala de aula;

- Produção de cartazes, maquete;
- Ensaios das músicas e danças;
- Exposição e apresentação de objetos antigos;
- Culminância do evento;
- Entrega dos relatórios sobre o que aprenderam com o evento.

SOBRE O EVENTO

Há tempo o sistema educacional, tanto na educação básica quanto no ensino superior vem sofrendo cortes de verbas e censuras por parte de políticos da extrema direita, que cercam a liberdade de cátedra do (a) professor (a), reforçam a desigualdade, incentivam a Xenofobia, sobretudo, contra o povo nordestino. Neste contexto nasce o evento "Eu não Nego minhas Origens", título do evento idealizado pelo Professor de História e Filosofia Jedicleison Pereira da Silveira, docente da E. E. E. M Augusto dos Anjos, localizada na cidade de Mari (Paraíba).

O Evento "Eu não Nego Minhas Origens" surgiu da emergência de uma reflexão em sala de aula acerca de identidade e memória como um ato de resistência diante das intolerâncias no que diz respeito as seguintes temáticas: regiões, raças e credos. Antes da culminância que aconteceu no dia 30 de Agosto de 2018, houve a preparação com as turmas que compuseram a equipe de organização do evento. Houve debates em sala de aula sobre os seguintes temas: Ditadura da beleza, Violência contra a mulher, o Negro, homossexual e os atos Xenofóbicos contra os nordestinos. Primeiramente foi realizada uma abordagem geral sobre a etimologia da palavra Xenofobia, acompanhado da citação de casos que vem acontecendo em todo o mundo, como por exemplo, as políticas contra os imigrantes adotadas pelo presidente Donald Trump no Estados Unidos aos atos de violência com o povo nordestino, especialmente nas redes sociais onde há uma enorme propagação de ódio gratuito relacionado a região Nordeste.

Os debates e a preparação para o evento tiveram início no mês de junho, e foi através do diálogo em sala de aula que nasceu o "Eu não Nego Minhas Origens", tal evento aconteceu no Salão Chico Mendes, pertencente a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, na cidade de Mari, como já mencionado. O nome do palco levou o nome do artista paraibano Chico César, conhecido por músicas como Mama África, A primeira Vista, Estado de poesia e tantas outras, bem como por ser um ativista na luta pelos direitos humanos.

Participaram do evento além de alunos de todas as turmas, professores e a direção da escola, políticos e civis da cidade de Mari, pois o evento foi aberto a toda população Mariense. O evento não teve apoio da direção escolar, por achar que trabalhar esta temática traria problemas a escola. Sendo assim, com a autonomia de cátedra e o apoio dos (as) alunos (as), os verdadeiros protagonistas do evento, a ideia foi levada adiante, o que fez com que acontecesse. Os resultados foram positivos para a escola e a comunidade Mariense.

Durante o período de preparação do evento houve reuniões com os alunos na minha residência para ensaios de música, uma banda foi formada com alunos da escola, dança e poesia. Enquanto outra equipe ficou responsável pelas comidas típicas do Nordeste para degustação no momento do evento e outra pela iluminação de palco, ornamentação do local e limpeza. De volta a sala de aula, foi solicitado um relatório aos alunos sobre o que aprenderam no evento, do que se tratava e o que mais lhes chamou atenção, os relatórios traziam o orgulho de ser paraibano.

INÍCIO DAS ATIVIDADES PARA REALIZAÇÃO DO EVENTO

O início das atividades para preparação do evento se deu no começo do mês de junho. Durante este período os alunos se mantiveram bastante participativos, construindo em conjunto e colaborando com ideias. Como Professor assumi o papel de mediador. Antes de realizar qualquer atividade foi enfatizado em sala de aula a importância de trabalhar o tema em foco, através da temática história regional, a fim de fazê-los compreender e valorizar a própria cultura, conhecer sua origem para sentir-se parte desta. O nome do evento: eu não NEGO minhas origens, já trás um lembrete sobre não renegar a si mesmo, não ter vergonha de ser paraibano, a palavra NEGO, presente na bandeira do Estado da Paraíba, coloca-se aqui, neste contexto, como um grito de esperança, de resistência a xenofobia, ao preconceito sociocultural que o povo paraibano sofre quando migra para outras regiões do país. O nome do evento carrega uma mensagem forte, que precisa ser sustentada e trabalhada de forma séria.

Após envolvê-los na proposta, somente em um segundo momento foi realizado a divisão de tarefas, o que contou com a confecção de cartazes e várias apresentações e debates sobre xenofobia, preconceito com os nordestinos, exposição sobre personalidades paraibanas, como Zé Ramalho, Elba Ramalho, Luci Alves, Jackson do Pandeiro, Chico César, personalidades paraibanas importantes na literatura, como José Lins do Rego, o poeta Augusto dos Anjos, dentre outros. Este passo foi proeminente para aproximar os alunos com a temática em foco e tirar possíveis dúvidas as quais foram surgindo e sendo esclarecidas ao longo da preparação para a culminância do evento.

Em seguida, foi organizado a formação de um grupo de dança, alguns alunos se empenharam em ensaiar a música “Xote da menina”, de Luís Gonzaga, canção escolhida para abertura do evento, e para o encerramento a música “Paraíba joia rara”, de Tom Oliveira, a qual foi executada com a presença da bandeira da Paraíba e da cidade de Mari, com duas alunas segurando e andando com a bandeira ao redor do salão. Essa parte da apresentação foi muito aplaudida por todos que estavam presentes.

Outro grupo se encarregou de preparar as comidas típicas da região, servida para degustação durante o evento, como cocada, cuscuz, mandioca, feijoada, dentre outras. Este processo foi importante não só porque foi realizado em conjunto, mas ainda porque os fez perceber e valorizar aspectos da culinária regional que estão enraizados em seu cotidiano, de seus pais, avôs. Os demais grupos ficaram responsáveis por criar uma banda para tocar as músicas e escolher e ensaiar um poema de um artista paraibano, o poema selecionado foi a letra da música “Estado de poesia”, de Chico César.

Houve ainda um grupo de alunos que se dedicou em reconstruir através da exposição de maquete, o convento de São Francisco, que fica localizado na cidade de João Pessoa-PB, a fim de homenagear um dos pontos turísticos da Paraíba. Assim também como a exposição das pegadas de dinossauro localizado na cidade de Souza-PB, feitos com argila e ainda a exposição e apresentação de objetos antigos, os quais constam: ferro de passar roupa a brasa, rádio e telefone antigos, dentre outros.

Durante o evento aconteceu debates acerca da importância da valorização da cultura paraibana, realizado pelos alunos responsáveis também por confeccionar cartazes e fotos de cantores, escritores paraibanos para exibição. O debate girou em torno de uma reflexão a respeito de identidade e memória, os quais estão constantemente em conexão com o sujeito, somente olhando para o passado, nos tornamos conscientes de quem somos.

Por fim, após a realização do evento, os alunos apresentaram um relatório escrito sobre o que aprenderam com a temática trabalhada, destacaram os pontos positivos e negativos, assim também como aspectos relacionados ao seu cotidiano que não percebiam antes como algo merecedor de uma valorização cultural.

CULMINÂNCIA DO EVENTO

O evento seguiu o seguinte cronograma:

Data: 30 de agosto de 2018

Abertura: 14 horas

Apresentação da música: Xote das meninas, de Luiz Gonzaga;

Apresentação de músicas de cantores paraibanos;

Exposição de cartazes sobre personalidades paraibanas na literatura e música;

Declamação da canção Estado de poesia de Chico César;

Debate sobre a importância da valorização da cultura paraibana;

Exposição de maquete do convento de São Francisco, que fica localizado na cidade de João Pessoa- PB, seguido da explicação de sua importância na cultura paraibana;

Exposição das pegadas de dinossauro localizado na cidade de Souza- PB;

Exposição e apresentação de objetos antigos;

Ao longo do evento: degustação de comidas típicas da culinária paraibanas; pratos típicos como cuscuz com charque, tapioca, feijoada, macaxeira frita, cocada, mungunzá dentre outros.

Apresentação da música Paraíba joia rara de Tom Oliveira;

Feijoada para o público em geral.

Encerramento: 17 horas

RESULTADOS

O evento contou com o empenho e participação dos alunos envolvidos. Estes atuaram como agentes do seu próprio conhecimento, o professor como incentivador e condutor, auxiliou e mostrou os caminhos. Os alunos respeitaram e seguiram etapa por etapa a qual foi proposto, quando sentiram dúvidas, fizeram anotações e levaram para esclarecer nos debates em sala de aula. O conhecimento foi construído em conjunto, isso foi algo muito importante em todo esse processo que se sucedeu da divisão de tarefas até a culminância.

Levá-los a compreender a importância de trabalhar a história regional não foi uma tarefa difícil de realizar, pois desde o princípio houve identificação dos alunos com a temática. No decorrer dos debates e construção do material para o evento, muitos perceberam o quanto sofreram preconceito por ser nordestino, pelo seu sotaque, pelos seus costumes, apresentaram uma necessidade de dividir suas experiências com o

grupo, e aprenderam principalmente a não ter vergonha de si mesmo, de suas raízes, da sua ancestralidade, pois negar a sua cultura é negar a si mesmo, é negar a seus antepassados. Os debates foram momentos de desabafos, troca de experiência, identificação. Sentiram-se livres para se expressar, este era o propósito, a identificação cultural possibilitou-lhes o sentimento de pertencimento de um lugar, uma cultura, o que foi possível graças ao trabalho em equipe e afinidade com a temática em foco.

Em relação aos artistas paraibanos, eram desconhecidos para alguns alunos, que passaram a conhecer e valorizar depois do evento. A revisita aos artistas tão necessários na cultura paraibana os levou ainda a perceber o quanto sua região é rica, tem valor e merece respeito. Através da letra das músicas foi possível realizar vários momentos de reflexão. Frequentemente fala-se e aprecia-se a cultura e arte de outras regiões, porém muitas vezes esquecemos de olhar a música, culinária local. O Brasil é um país multicultural, com muitas diferenças culturais de um local a outro, ajudá-los a compreender que cada espaço tem suas especificidades, é fundamental para perceber que nenhuma cultura é superior ou inferior a outra, são apenas diferentes, assim sendo, aprender a dar valor aos próprios costumes é uma maneira de permitir conhecer melhor a si mesmo, sentir-se em conexão com seu meio social e assim desenvolver a cidadania.

Através da análise dos relatórios apresentados pelos alunos após o evento, percebemos que aconteceu o encorajamento, o que reforçou a auto-estima e o orgulho da cultura paraibana. O evento foi importante para fazê-los refletir sobre o "ser paraibano", entender melhor a si mesmo, e as imagens que possuem da sua comunidade. Portanto, pode-se dizer que os resultados aqui almejados foram alcançados.

A seguir consta alguns depoimentos recolhidos dos alunos:

No relato da aluna Beatriz Rodrigues da Silva, da 2ª série do Ensino Médio, natural do Rio de Janeiro, e que veio morar na cidade de Mari- Paraíba no ano de 2000, consta que o evento foi importante pra sua vida, pois a fez lembrar de atos xenófobos com os nordestinos no Rio de Janeiro e refletir sobre determinados acontecimentos. “ Lá no RJ ouvi muitas coisas do tipo: todo paraibano passa sede e fome, por isso vem pra o Rio de Janeiro buscar trabalho. Em alguns casos tínhamos medo de paraibano, pois julgávamos que podia ser algum bandido que veio do nordeste se esconder aqui. Qualquer pessoa que chegava e vinha de Recife, Bahia, Ceara, Alagoas, já chamávamos de Paraíba, e logo pensávamos que essa gente não prestava. Uma vez minha mãe me disse que tinha muito bandido que vinha do nordeste se esconder no Rio de Janeiro. Fui crescendo ouvindo isso. A minha mãe teve um caso com um paraibano, de Mari, estava separada do meu pai, teve um caso logo com um paraibano que ela tratava com desleixo, acabou que vim morar aqui em Mari e vi que tudo aquilo

que falavam da Paraíba era mentira. Tenho orgulho de ser do Rio de Janeiro, se alguém falar mal de lá eu viro uma fera, mas aprendi a amar a Paraíba. Aqui é minha casa, e assim como diz o tema do evento que tratava de Xenofobia, eu não nego minhas origens.” Frisou Beatriz.

O aluno Mércio Brasil da Silva, da 2ª série do Ensino Médio, natural de Mari-PB, destacou em seu relatório: “ Eu não sabia o que era xenofobia, foi muito bom debater em sala de aula o assunto e poder apresentar sobre o tema no evento. Teve músicas de artistas do nordeste, as comidas típicas, dança regional, que me fez ter orgulho de ser paraibano, ainda mais nos dias de hoje que tem muitos políticos que incentivam o ódio ao povo nordestino.”

A aluna Eloayne Santos, da 2ª série do Ensino Médio, natural da cidade de Mari-PB, enfatizou: “ o evento foi bom, porque a gente foi protagonista dele como o professor Jedicleison propôs desde o início quando disse: “o evento é de vocês”, o senhor deu oportunidade a gente de mostrar que nós alunos podemos fazer um evento bonito sobre a nossa história, a nossa cultura. Aprendi a valorizar mais os artistas regionais, a culinária, a perceber o quanto temos de coisas importantes para valorizar e principalmente a não negar as minhas origens, não ter vergonha do meu sotaque paraibano, da cultura que também pertence aos meus pais.”

O aluno Diego Coelho de Souza, natural de Mari-PB, da 3ª série do ensino Médio, frisou:

“Nesse evento foi falado do nosso estado tão amado por nós paraibanos, foi falado das danças que costumamos ter por aqui, teve até apresentações com as danças que gostamos tanto, no evento tinha comidas também que costumamos comer por aqui, como cuscuz, cocada, feijoada, macaxeira frita etc... No evento tinha objetos antigos que foram muito usado por nós paraibanos, como o ferro de passar roupa que botava Braza quente dentro dele para poder funcionar, telefone antigo rádio antigo entre outros. Enfim esse evento falou do dia a dia e dos costumes paraibano que costumamos ter, isso é importante para vermos como a Paraíba tem muita história e é um lugar tão especial por nós, eu tenho orgulho de ser paraibano.”

As alunas Eloayne Santos e Beatriz Rodrigues produziram ainda uma paródia da música Quero que tu vá, da cantora Ananda. A paródia teve como título: quero que tu vá/ xenofobia. Outros alunos ajudaram a cantar e gravar a música, a qual foi postada no youtube.

LETRA (Eloayne/Beatriz)

Sabe o porquê de todo esse medo?

Bloquear minha cultura é o teu maior desejo

Tu evapora com tua intolerância

Eu não te dei motivo, então não vem com desconfiança

Não venha me xingar, não caibo em caixa direito

Me respeita, se tu quer respeito

Não tente mudar a minha crença

Mas nada impede disso entrar na sua cabeça

Eu quero que tu vá, vá se tratar

E para com essa xenofobia e vai

Parando com isso ai, aonde já se viu?

Desrespeito eu não tolero

Eu não tolero

Vozes: 1 - Laíza Alves

Vozes: 2 - Eloayne, Beatriz, Yasmim e Talita

Professor: Jedicleison Pereira da Silveira.

Imagem 1- Debate em sala de aula



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 2- Banda formada para o evento, com alunos da escola



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 3- Blusa confeccionada para o evento



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 4- Elaboração de paródias e produção textual



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 5- Elaboração de paródias e produção textual



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 6- Selfie com alunos após o evento



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 7- Exposição e apresentação de objetos antigos



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 8- Degustação culinária



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

Imagem 9- Discussão do tema xenofobia em sala de aula



Fonte: imagem retirada por dispositivo móvel em Julho de 2018.

CONCLUSÃO

Sabe-se que uma cultura não é imutável, passa por várias transformações ao longo do tempo, e que cultura não se restringe as representações materiais, por exemplo, engloba aspectos do dia a dia, religião, família, envolve uma diversidade tanto étnica, quanto racial, econômica e é através da cultura que os grupos sociais criam suas identificações, sentimento de pertença. Diante de tanta diferença é comum que um grupo influencie outros grupos sociais, entretanto não se deve permitir que tais influências busquem se destacar, impondo seus valores. Por isso é tão necessário trabalhar com temáticas de valorização cultural como uma forma de resistência. É por meio da compreensão dessa diversidade cultural que deve partir a formação de cidadania.

Em relação aos objetivos aqui propostos, conclui-se que é necessário despertar no educando um olhar crítico acerca do meio social ao qual faz parte, para que este possa desenvolver melhor visão sobre si mesmo e aprecie aspectos de sua cultura, de modo que valorize e respeite as suas raízes, a fim de firmá-las, já que desta forma será

ainda despertado o sentimento de pertencimento, proporcionando identificação com sua comunidade.

Apesar dos desafios em realizar o evento, devido a resistência de alguns membros do *corpus* escolar, por não ser de acordo com a temática ou até mesmo não acreditar nos resultados da mesma, como outrora mencionado, percebemos certa urgência em abordar temas relacionados ao regional que venha a envolver não somente os alunos, mas de fato a equipe escolar, não apenas para integrá-los, entretanto porque é requisitado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Quanto as questões norteadoras deste trabalho, conclui-se que muitos alunos possuíam uma visão deturpada no que diz respeito as suas próprias raízes, por vezes pela falta de uma abordagem abrangente sobre a temática, sendo esta colocada em segundo plano ou de forma superficial em algumas escolas.

O presente artigo visa destacar que trabalhar com temáticas voltadas ao cotidiano do aluno, pode possibilitar uma maior aproximação deste com o ensino de História, facilitando no ensino aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína. **História e região**: reconstruindo e construindo espaços. IN: SILVA, Marcos Antônio da. República em migalhas: história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unes, 2011.

BITTENCOURT. Circe. (org) I . **O saber histórico na sala de aula**. – São Paulo: Contexto, 1997. – (Repensando o Ensino).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais do ensino médio de História e geografia**. Ministério da educação. Brasília- DF. 1996.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul**: Terra, Homem, Poder no século XIX, Salvador, EDUNEB, 2003.

PINSKY, Carla Bassanezi. (Organizadora) **Novos temas nas aulas de História**. 2. ed. 3 impressão. -São Paulo: Contexto, 2015.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador professor Dr Waldeci Ferreira Chagas, que mais que um professor é um amigo e fonte de inspiração como professor e ser humano, seu carisma e exemplo é algo contagiante.

Aos meus queridos e queridas alunos e alunas que sempre abraçaram todas as minhas ideias e juntos fizemos acontecer diversos eventos e movimentos estudantis, nas pessoas de Mércio, Beatriz, Eloayne, Kátia, Geane e David, equipe forte de organização. Aos meus filhos de 04 patas Goku e Goten que tanto amo.

E a mulher que escolhi para dividir os meus dias, é uma guerreira que venceu o machismo em casa para poder estudar, que está comigo e juntos estamos enfrentado meus problemas de saúde, sabendo de minhas limitações e inquietações sempre lutando por mim, por nós.